

Informação Econômica, Ideologia e Expectativa

João Migliori Neto

Doutor em Integração da América Latina pela Universidade de São Paulo (PROLAM-USP)

Pós-doutorando do Programa de Estudos Pós-graduados em Economia Política da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

E-mail : jmigliori@uol.com.br

Resumo

O presente artigo pretende acrescentar algumas considerações sobre a intensa relação entre a forma que a informação econômica é propagada, de acordo com o viés ideológico do agente difusor e a busca constante para influir nas expectativas sobre: produto interno bruto, inflação, taxa de juros, cambio, emprego e renda, tornando-as positivas ou negativas, sempre com o intento de alcançarem-se resultados vinculados a determinados setores da sociedade civil que procuram obter para si, ganhos econômicos, políticos e sociais. O texto, entre outras fontes, norteia-se nos escritos de Antonio Gramsci relativos à teoria da hegemonia, ou mais especificamente, à idéia relativa aos Aparelhos de Hegemonia, presentes no Estado Ampliado. Por outro lado, procuramos atualizar e introduzir aspectos referentes à dinâmica da informação (mídias), constantes em minha dissertação de mestrado, apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997) - *Plano Real, hegemonia e ideologia: a âncora mídia*.

Palavras-chave: Informação, Ideologia, Expectativas, Economia, Estado Ampliado.

Abstract

This article intends to improve some comments about intense relation of the way that economic information is made public, according to whose ideology and the constant search to influence in the expectations: gross domestic product(GDP),inflation, interest rates,change,employmen rate and income), turning them positive or negative, always with the intention of reaching linked results of some society sectors who wish to gain to themselves economic, politic or social profits. The text, among other sources, is based in Antonio Gramsci`s writings, that refers to hegemony theory, or, specifically, to the idea related to Hegemony Appliance in Wide State. On the other hand, we need to actualize and insert aspects that refer to dynamic information (midias), that are in my Master Degree`s Dissertation, introduced in Pontifice Catholic University of Sao Paulo– Real Plan, hegemony and ideology: Midia Anchor (1997).

Key-words: Information,Ideology,Expectations,Economy,Wide State.

1. Introdução

Diversas obras tratam da informação econômica e seus desdobramentos. Este artigo se propõe a ressaltar, fundamentalmente, o “outro lado”, isto é, o viés ideológico das informações sobre os agentes e variáveis econômicas, sem, contudo, desconsiderar a importância que as informações veiculadas, exercem sobre as expectativas econômicas. O tema “informação”, em sentido amplo, se justifica no desejo de atualização, parcial, da nossa dissertação de mestrado - *Plano Real, hegemonia e ideologia: a âncora mídia* (1997), assim como, analisar o comportamento das novas plataformas midiáticas.

O trabalho anterior, do qual o presente texto propõe aprofundamentos, apresentou como pilares básicos as teorias e conceitos desenvolvidos por Antonio Gramsci e Louis Althusser, que tratam do funcionamento dos Aparelhos de Hegemonia (Gramsci) ou Aparelhos Ideológicos de Estado (Althusser), infraestrutura econômica, superestrutura ideológica e as consequências, daí advindas, para a economia. No atual, adicionamos novos conceitos, trazendo-os para o centro do debate, referentes à dinâmica derivada pelos novos veículos de informação, e suas posições (pessimistas ou otimistas), ao tratar das questões econômicas. Na análise, situamos a mídia no interior do “Estado Ampliado”, atuando como aparelho de hegemonia.

A tecnologia da informação e seus avanços constituem um aparelho de hegemonia que aperfeiçoa a informação econômica e sua veiculação através da mídia em toda sua abrangência. O processo de informação-comunicação, econômica ou não, possui incrível capacidade de multiplicar-se e, ainda mais incrível capacidade de transformação (novos meios de comunicação). Ao citarmos os avanços das comunicações, não nos reportamos somente à *internet* - apesar da sua significância - mas, também, às inovações da tecnologia da informação e seus efeitos econômicos. O efeito de maior impacto na esfera econômica, talvez seja a manipulação das expectativas que se formam nos agentes econômicos distorcendo, conforme a inclinação ideológica dos difusores, a informação propriamente dita, ou ainda mais preocupante, simplesmente criando-a, em consonância com o ideário dos veículos informativos.

A criação de expectativas através da informação econômica, materializa-se mediante a ação das diversas mídias socialmente engajadas na manutenção dos seus interesses. O papel do aparato informação-comunicação na economia transcende o noticiário econômico, transpondo-se para os campos político, social e cultural e, até, o esportivo. É comum observar-se comentários de natureza econômica, em qualquer área de veiculação de informações. Inserimos, no texto, alguns indicadores macroeconômicos relevantes e suscetíveis de informações manipuladas ideologicamente, “criadoras” de expectativas. Atentamos, ademais, para a questão da velocidade com que a informação se propaga, disseminando-a para patamares tecnológicos que, até recentemente, pareciam inatingíveis. Definitivamente, a informação econômica não poderia “fugir à regra”, reforçando sua atuação de aparelho de hegemonia, por meio de difusores cada vez mais velozes e abrangentes, sempre com o escopo de difundir seu viés ideológico.

O aspecto mais dramático e preocupante é o conhecimento de que a velocidade e o volume de informações, veiculadas, não significa que a qualidade as acompanhe, ao contrário, é usual a ocorrência de informações distorcidas, parciais, falhas e até ofensivas praticadas pelos meios de comunicação. A *internet* é exemplo emblemático dessa dinâmica. No artigo enfocamos a relação informação/expectativas, em seu aspecto amplo, ou seja, não apenas como teoria econômica, mas o efeito da manipulação ideológica das mesmas. As informações econômicas (oficiais ou não) são

críveis, na exata medida da fidedignidade da divulgação dos dados gerados pelas fontes primárias, e consubstanciados em sua utilização e divulgação. Este fator é de suma importância, pois habitualmente, a informação econômica, com o propósito de atingir seus objetivos, baseia-se em pesquisas e levantamentos próprios, de origem nem sempre suscetível a uma prova de autenticidade. No texto, sempre que requerido, citaremos fontes credenciadas academicamente.

Os fatos econômicos são cada vez mais destacados pelos meios de comunicação, tanto em termos de espaço como de tempo. A ideologia, certamente, apresenta-se como motivadora do fenômeno. Os fatos econômicos, sempre são divulgados com viés ideológico. Os meios de comunicação não são apenas meras empresas comerciais. A sua inclinação político ideológica, para bom observador, é notória.

Ressaltamos que, de acordo com o nosso entendimento, o fato de o jornalismo econômico estar voltado para sua função básica (economia), não o isenta do viés político-ideológico, a ponto de frequentemente tornar complexa sua separação e entendimento. No texto, sempre que possível, ainda que nos reportemos ao jornalismo econômico, nosso foco primordial será a informação econômica vinculada com a ideologia e a criação de expectativas nos agentes econômicos. A informação econômica, na medida em que outras tentativas fracassem no intuito de implantar a ideologia desejada, obtém relevância cada vez mais significativa para mudanças de cenários políticos, sociais, culturais, entre outros, ou seja, não se restringe à área econômica e sim a toda sociedade civil.

O artigo, de forma empírica, através do conceito de contra-hegemonia (GRAMSCI, 1975), procura introduzir pontos que estimulem a criação de movimentos alternativos de mídia na *internet*, no sentido de atuarem de modo contra-hegemônico. A “batalha pela hegemonia” nas redes sociais será fundamental. A *internet* interligando as diversas mídias atua como um poderosíssimo-tomando-se a denominação de Althusser- Aparelho Ideológico de Estado (AIE), catalisador de informações. Quem seriam seus “donos”? Sim, eles existem materializados na figura dos proprietários das mídias tradicionais-impresas ou eletrônicas. Efetua (no sentido gramsciano), uma verdadeira “revolução passiva”, cedendo uma aparente liberdade de opinião, na *internet*, em troca da manutenção do domínio efetivo da informação-comunicação econômica. A chamada opinião pública é, dessa forma, manipulada pela integração das mídias-via internet. A geração e difusão mudam, na forma, mas não no conteúdo. Conforme Gustavo Cardoso: “A internet é um novo veículo para os jornais, rádio e televisão encontrarem novas formas de chegar ao seu público ou construir novos públicos” (CARDOSO, 2007:187)

Dada a dimensão e complexidade do tema em questão, a proposta é incluir apenas as variáveis macroeconômicas, divulgadas pelos meios de comunicação, que julgamos mais adequadas aos objetivos do trabalho, das quais esperamos, alcancem os resultados por nós previstos, possibilitando abrir espaço para o aprofundamento e aperfeiçoamento dos debates acadêmicos.

1. Economia e ideologia

A estrita relação entre economia e ideologia, desde sempre pautou o debate econômico. A ciência econômica mantém estreitos vínculos com os instrumentos de dominação social - no caso em questão, os meios de comunicação. A ideologização da economia, habitualmente manifesta-se através de complexos modelos econométricos e algoritmos, utilizados de forma ideológica pelo chamado *mainstream* e a sua referência - a escola neoclássica. Tal ideologia apóia-se basicamente

em estudos econométricos que procuram tratar a economia nos moldes de uma ciência exata (matemática, física etc.), desconsiderando qualquer outra corrente de pensamento econômico diverso. Robinson na obra: *Filosofia econômica* cita: “a ciência econômica avança tateando, ao longo de hipóteses não comprovadas e sob ‘slogans’ verificáveis”. E acrescenta: “é prudente que ideologia e ciência tenham fronteiras definidas” (ROBINSON,1964:121-2). A autora incentiva o debate entre as diversas correntes ideológicas presentes na economia e afirma que: “o incremento da estatística muito alimentou as ideologias nacionalistas”. (Ibid,122).

1.2 Economia e expectativas econômicas

A informação econômica difundida pela mídia é o principal veículo de criação de expectativas, vindo a seguir a troca de informações entre os agentes econômicos. A mídia, geralmente, não é a fonte primária de informações econômicas, mas quando estas são difundidas pelos meios de comunicação, a percepção dos agentes econômicos em maior ou menor escala, é de credibilidade, outorgada, aos veículos difusores. A partir deste momento, as expectativas vão se consolidando.

Por certo, existem no campo da teoria econômica, escolas doutrinárias especializadas na área de formação e criação de expectativas. Entender o processo de criação e difusão de expectativas é primordial para a compreensão da dinâmica econômica. Sua sistematização - pelas fontes disponíveis-“iniciou-se com a Hipótese das Expectativas Adaptativas (Escola Monetarista) empregada pelos economistas neoclássicos” (BEGG, 1989:30-1).

Nas expectativas adaptativas as variáveis econômicas tinham seus valores calculados através da média ponderada de seus valores passados, em escala cronológica; quanto mais recente o período, maiores os pesos utilizados. A maior crítica às expectativas adaptativas era a desconsideração das informações do presente. Para estimar mais precisamente o comportamento das variáveis econômicas (expectativas), John Muth, propõe a hipótese das Expectativas Racionais depreendendo que as demonstrações teóricas, anteriores, não apresentavam racionalidade suficiente.

Segundo Kandir : “além de Muth, contribuíram também para a evolução da idéia, os trabalhos de Modigliani e Grunberg. Esses postulados inspiraram obras posteriores, realizadas por Robert Lucas Thomas Sargent e Neill Wallace” (KANDIR, 1990:09). Shefrin expressa que a exemplo de outros modelos, a hipótese das expectativas racionais, com o tempo, também passou a ser contestada e posteriormente alvo de críticas, entre elas: “1-As estruturas limitadas dos modelos; 2-Visões divergentes quanto ao cálculo das probabilidades; 3-Ausência, no modelo, de inclusão de aprendizagem e comportamentos adaptativos” (SHEFFRIN, 1996:09).

Com maior proximidade da escola keynesiana, a teoria das expectativas condicionadas (Escola Neo-Estruturalista), também parte do princípio sobre a racionalidade dos indivíduos procurando agregar todas as informações econômicas à disposição, sem, contudo, desconsiderar as incertezas presentes em qualquer modelo. Desta forma empregam convenções e contratos, buscando maior aproximação dos resultados previstos e uma melhor distribuição da renda.

2. Economia e expectativas médio-analíticas

Mesmo admitindo-se que as informações-comunicações adquirem certa relevância nas diversas teorias que tratam das expectativas, com a proposição das expectativas médio-analíticas procuramos introduzir uma visão alternativa àquelas relativas às escolas tradicionais, referente às modalidades de expectativas. Na modalidade proposta, os meios de comunicação passam de coadjuvantes a protagonistas no processo. As expectativas médio-analíticas, segundo nossos postulados, são as de maior relevância quanto às alterações das variáveis macroeconômicas. Através da mídia podemos visualizar a complementaridade entre elas, ou seja, “não é exequível, para a credibilidade das variáveis se firmarem, separar-se a criação da difusão das expectativas” (MIGLIORI, 1997:99).

A mídia, dessa forma, apropria-se das informações ou, o que é ainda mais significativo, as cria, e as analisa segundo sua orientação ideológica, para em seguida as divulgar, influenciando nas expectativas dos agentes econômicos de forma diretamente, proporcional ao grau de (des) informação dos mesmos. Vê-se, portanto, que o público, em geral, informa-se de maneira indireta (mídia) e não, o que seria o ideal, por meio das fontes de informações diretas (oficiais). Esse procedimento tende a incutir nos “informados”, a versão veiculada através das análises econômicas efetuadas pelos meios de comunicação, em outras palavras, influir nas expectativas, podendo alterar o comportamento das variáveis econômicas futuras.

Por outro lado, é notável a tendência de mudança de paradigma quanto à plataforma de informações utilizadas apontando para uma crescente migração para a *internet*. Resultados divulgados pela “Pesquisa Brasileira de Mídia 2013”, na qual os entrevistados puderam individualmente e, em ordem decrescente, indicar as mídias consultadas apontou: TV aberta, *internet*, rádio, jornal impresso, revista impressa. A enquête revelou a preferência dos meios de comunicação no quesito “consultas”, pela ordem de opção: 1.TV aberta(78%) primeira;13% segunda ;2% terceira.2. *Internet* (12%) primeira;17% segunda ; 9% terceira.3. Rádio (8%) primeira; 32% segunda;6% terceira.4.Jornal impresso (7%) primeira;5% segunda;7% terceira.Revista impressa (1%) segunda; 2% terceira.(IBOPE, SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO- SECOM).

Destaque-se que a *internet* já é o segundo meio de informação, sendo superada apenas pela TV aberta – a maior geradora de expectativas-- mas, sua influência é crescente e, pelo fato que sua estrutura funcional permite a agregação de todas as outras mídias, possui também a capacidade de divulgar as informações contidas nos demais meios de comunicação. A análise das informações divulgadas para o público, e efetuadas-veiculadas, primeiramente pela mídia impressa são repassadas pela TV aberta e *internet*. A importância da mídia impressa, enquanto formadora de opinião, se mantém inalterada. Os próprios comentários apresentados na *internet*, através de *blogs*, redes sociais, entre outros, tem como fonte primária de informação a mídia impressa e seus portais, ou seja, a plataforma informativa está em mutação, mas a origem, ainda é fundamental. Cumpre destacar, também, dado do levantamento revelando que na faixa etária entre 16 e 25 anos, os percentuais da *internet* sobem acentuadamente: 25% - primeira opção.

Os meios de comunicação são, portanto, difusores ideológicos que versando sobre economia, ocultam seu viés político. Trata-se de uma forma poderosa e subliminar de, não revelando a preferência partidária, influir na economia e, conseqüentemente, na política e demandas sociais. Vejamos, a seguir, o comportamento dos meios de comunicação, quando da divulgação de informações econômicas oficiais, seguidas de nossas análises, conforme o ponto de vista

mainstream e da mídia alternativa. Ressalte-se, que no papel de aparelho ideológico, forças contrárias disputam (teoria gramsciana) a hegemonia no interior da mídia. No Brasil, dado o caráter privado de posse dos meios de comunicação, estes tendem a refletir os interesses dos grandes grupos econômico-financeiros, e não vacilam em manter oposição sistemática aos governos que pratiquem políticas públicas que desagradem o mercado. Por outro lado, assumem posição situacionista, se o poder incumbente, de momento, atender suas demandas. O ideal seria um equilíbrio ideológico, mas o que se nota, é a predominância de um grupo, no caso, o econômico-financeiro.

3. Expectativas e variáveis macroeconômicas

Partindo-se dos postulados da teoria gramsciana que aponta os aparelhos de hegemonia, entre eles a mídia, como sendo local de embates e disputas no campo ideológico, apresentamos, conforme os dados oriundos de fontes oficiais, o comportamento de algumas variáveis macroeconômicas e, a respectiva visão médio-analítica dos grupos ideológicos antagônicos, analisando a seguir as informações divulgadas, pertinentes às variáveis e, sempre, respeitando a seguinte ordem: 1. **(DO)** - Dados Oficiais (informação institucional) e/ou versão oficial **(VO)**; 2. **(VP)**-Versão Preponderante (*mainstream*); 3. **(VA)**-Versão alternativa; 4. Análise (s) - quando requerida(s).

É importante assinalar que os textos selecionados foram, majoritariamente, extraídos de matérias, colunas e editoriais de cunho jornalístico, assim sendo, os reproduziremos, adaptaremos e interpretaremos (conforme a origem), para que representem com fidedignidade as reportagens informativas e analíticas necessárias para emulação de todo o trabalho. As manchetes estão, sempre, em destaque. Dito de outra forma: sem demérito do trabalho de colunistas, editorialistas, repórteres e outros jornalistas, priorizamos como principal destaque, o veículo de informação.

3.1 Produto Interno Bruto

(DO) No ano de 2013, o PIB aumentou 2,3% em relação a 2012, fruto do crescimento de 2,1% no valor adicionado e 3,3% nos impostos. Nessa comparação, cresceram a agropecuária (7,0%), os serviços (2,0%) e a indústria (1,3%). Em 2013, o PIB em valores correntes alcançou R\$ 4,84 trilhões. O PIB per capita, ficou em R\$ 24.065,00, apresentando uma alta, em volume, de 1,4% em relação a 2012 (IBGE. Sala de Imprensa, 27 /02/2014).

(VP. 1) – “**Economia brasileira cresce 2,3% em 2013**”: “o resultado supera a alta de 1% de 2012, mas converte-se no terceiro ano de fraco crescimento econômico; em 2011, a alta foi de 2,7%” (Folha de São Paulo, 2014). **(VP. 2)**- “**Combinação ruim**”: a herança do governo atual não se reflete no PIB do triênio ou do quadriênio, pouco representativos em termos gerais, mas no “desperdício dos anos de seu governo, e talvez os do início da próxima gestão, tempo que poderia ter sido empregado para preparar o país para um crescimento (**PIB**) acelerado” (Folha de São Paulo, 2014) (Grifo nosso). **(VP. 3)** - “**Aumento do PIB surpreende, mas confiança ainda é baixa**”: findo o ano de 2013 seu legado gera duas expectativas: um cenário mais promissor para 2014 e uma interrogação “sobre os setores capazes de dar um impulso adicional à economia neste ano”. O avanço do PIB em 2013, foi de 3,3% e o crescimento no quarto trimestre ante o terceiro foi de 0,7%, considerando-se os ajustes sazonais. No conjunto “Os dois resultados surpreenderam

positivamente, mas foram insuficientes para levar os economistas a projetar um crescimento mais vigoroso neste ano” (Valor Econômico, 2014). **(VP. 4) -“Taxa de poupança de 13,9% é a menor desde 2001”**(Valor Econômico,2014).**(VP. 5) -“Investimento no 4º trimestre vira mistério para economistas”**: mesmo aquém do ideal, a elevação da Formação Bruta de Capital (0,3%) no quarto trimestre (2013) em relação ao terceiro, já deduzidos os ajustes sazonais, superou as estimativas dos “analistas que projetavam recuo dos investimentos no período e encontram dificuldades para explicar por que o dado veio em sentido contrário aos antecedentes ruins do período” (Valor Econômico,2014).

***Análise:** apesar do “surpreendente avanço”, as manchetes tendem para o pessimismo, e, por vezes, colocam em dúvida os dados oficiais divulgados. Na hipótese de os indicadores espelharem outra “realidade”, isto é, ao sabor da grande mídia, seriam críveis. Em todas as manchetes, aparecem “fatos negativos”, para mitigar os positivos. Na realidade, a grande imprensa aguardava dados piores em relação ao PIB, e não reconheceu os avanços obtidos, procurando minimizá-los ou, até mesmo, distorcê-los.*

(VA. 1) - “Serviços puxaram aumento de 2,3% da economia brasileira em 2013”: embora, “a maior alta foi apresentada pela agropecuária (7%), o maior crescimento desde 1996” (Carta Capital,2014). **(VA. 2) – “Resultado positivo deve estancar revisões para baixo do PIB de 2014”**:como efeito “o resultado positivo e acima do previsto do quarto trimestre estancou um pouco o pessimismo do mercado em relação ao PIB de 2014 e analistas já refazem suas projeções” (UOL, 2014). **(VA. 3) –“Brasil tem o 3º maior crescimento econômico do mundo em 2013”**: mesmo atingindo níveis inferiores ante anos recentes,o novo patamar (avanço do PIB) foi, apenas, superado pelos resultados dos PIBs da China e Coréia tomando-se como base, a amostragem realizada pelo IBGE referente aos resultados já divulgados por 13 economias. “O avanço da China, aliás, não é parâmetro para ninguém. Está 5,7% acima da média mundial, de 3,0%.(Portal Estadão , 2014)

(VO. 1) –“Mídia avalia PIB de 2013 pela ótica de sua própria crise”:devido a “avaliação de contexto limitado e crescimento de 5,3% no PIB da chamada economia do conhecimento e da alta tecnologia colocam em cheque críticas da oposição”. O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do país (2,3%) sobressaindo-se na conjuntura internacional, pois, entre as grandes economias poucas superaram esse percentual, não foi o bastante para evitar que colunistas e editorialistas, de segmentos da mídia, desmerecessem, contrariando os fatos, o feito brasileiro. “O problema dessas críticas é que não resistem a uma análise profunda dos números que revelam um cenário econômico bem melhor do que o desenhado e qualitativamente bastante promissor” (Rede Brasil Atual, 2014).

***Análise:** As previsões (otimista/pessimistas) nem sempre se baseiam em fatos empíricos, revelando, habitualmente, mais um desejo do que uma realidade, ademais, os resultados dos PIBs,no mundo, mesmo inferiores em relação ao Brasil,são parciais.A informação é restrita, não contemplando uma base de comparação mais ampla, que abrangesse os PIBs de outros países, embora, a relação seja com as maiores economias do mundo,o que de certa forma, atenua eventuais carências comparativas.A informação da Rede Brasil,ainda que de caráter oficial,ou oficiosa, colabora no sentido de colocar os fatos mais próximos de uma análise não tendenciosa.*

3.2 Inflação

(DO) – “Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo-IPCA”: o Índice Nacional de Preço ao Consumidor Amplo-IPCA do mês de dezembro, apresentou variação de 0,92%,e ficou acima da taxa de 0,54% registrada em novembro em 0,38%.É o maior IPCA mensal desde abril de 2003,quando atingiu 0,97%,o maior IPCA dos meses de dezembro desde 2002, cujo resultado chegou a 2,10%.O ano de 2013 fechou, então, em 5,91% acima dos 5.84% do ano anterior. Em dezembro de 2012 a taxa havia ficado em 0,79% (IBGE, 2013).

(VP. 1) – “IPCA termina 2013 com alta de 5,91%”: “o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) subiu 5,91% em 2013,acima da taxa apurada um ano antes,de 5,84%,conforme levantamento do IBGE”.Nesse patamar, a meta para 2014, desejada pelo Banco Central objetivando que a inflação do ano (2013) se situasse em nível inferior do que a de 2012 (5,84%),não se concretizou. Ademais,“ o resultado do ano também ficou acima da média prevista de 5,83% .Pelo quarto ano consecutivo,o IPCA ficou acima da meta estabelecida pelo Bacen,de 4,5% ao ano” (Valor Econômico,2014).**(VP. 2)- “Termômetro Quebrado”:** em sua coluna na Folha de São Paulo Raquel Landim afirma que o governo interferiu nos preços reais para maquiar a inflação que chegaria a 7% em 2013, “ bem acima dos 5,9% registrados oficialmente e da margem de tolerância da meta de inflação”. Não se considerou “a redução da energia elétrica, o congelamento das tarifas de ônibus e a defasagem do preço da gasolina em relação ao mercado externo”. (...) Aponta, de forma taxativa :“o que mais assusta é que o governo acredita nos números que ‘fabrica”. Prosseguindo, de acordo com o texto, os governantes “insistem que somos um país com inflação controlada, contas públicas em ordem e balança superavitária. Como acertar o diagnóstico e o remédio? Quando o paciente está com febre, não adianta quebrar o termômetro” (LANDIM, 2014: A2).

Análise: *Em primeiro lugar deve-se destacar que o teto da meta (6,5%), nunca, no período, foi ultrapassado. Quando em concordância com os dados oficiais os grandes meios de comunicação os divulgam na íntegra. Nos textos, nota-se ausência da informação básica, esclarecendo que, ainda a pouco, a inflação atingiu níveis até maiores do que os atuais, porém, não propiciando críticas mais acirradas e, tampouco, comentários negativos tão acentuados, a ponto de acusar-se a equipe econômica de: despreparo, inadequação das políticas tomadas, ajustes e postergações danosas para a economia, falta de planejamento, falhas de previsão, manobras e manipulação de dados econômicos, pelos responsáveis. Muito além de econômicas, as críticas avançam para o campo político-ideológico.O correto seria que nas análises e informes econômicos,o aspecto técnico,sempre, prevalecesse sobre aqueles com viés ideológico, a bem da informação econômica fidedigna.*

(VA. 1) – “ Inflação sob Dilma pode fechar com resultado próximo de Lula e melhor que FHC” : a inflação do governo Dilma,ao final de seu mandato,deverá situar-se em um patamar próximo do governo Lula e inferior àquele do governo FHC. A “taxa média pode ficar entre 5,9% ou 6% ao ano, pouco acima do período 2003-2010 (5,8%) e abaixo do período 1995-2000 (9,1%)”. Assim é que: “pela maioria das previsões para 2014, o governo Dilma deverá fechar seu mandato com IPCA médio de 5,9% ou 6% ao ano”. Comparando-se com os dois outros governos têm-se: “esse indicador ficaria pouco acima dos oito anos de gestão Lula (5,8% ao ano) e abaixo dos oito

anos anteriores, na gestão de Fernando Henrique Cardoso (6,1% ao ano)”. Ademais, “em 2013, o índice oficial de inflação ficou dentro da meta (4,5%) pelo décimo ano seguido” (Jornal GGN, 2014) (grifo nosso). **(VA. 2) – “ Ex diretor do IPEA afirma que debate sobre inflação é mais político que técnico”** : “não temos uma inflação alta,temos uma inflação moderada e controlada”,diz o Professor João Sicsú, do Instituto de Pesquisa Econômica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ex diretor do IPEA.Para ele : “hoje há mais uma discussão política do que técnica em torno do tema”. O pesquisador acrescenta que os níveis da inflação, a mais de 10 anos, não atingem o teto da meta (6,5%). “Há uma mudança estrutural no Brasil, que era um país estagnado e entrou na rota do desenvolvimento, (.....) todo país que melhora seu nível de renda tende a ter serviços mais caros”. Sicsú afirma que: “a inflação de 2014 não deverá mostrar resultado muito diferente dos últimos anos a não ser que aconteça algo extraordinário no mundo, e se manterá abaixo de 6%” (.....) “A discussão vai ser político-eleitoral” (Jornal GGN,2014).**(VA. 3)- “ FIPE indica redução no ritmo de inflação em 2013”** :de acordo com o apurado:“o índice de preços ao consumidor (IPC) , medido pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) na cidade de São Paulo ,encerrou o ano de 2013 em alta de 3,88%,ante uma elevação de 5,10% em 2012” (Jornal GGN,2014). **(VA. 4) – “ Sobre o erro da Globo News no gráfico da inflação”**: no programa televisivo Conta Corrente da Globo News foi informado o índice de inflação do ano de 2013 (5,9%), de acordo com o IBGE. “Ao compararmos com os índices dos anos anteriores, houve um erro no gráfico de barra do indicador, apesar dos números estarem corretos”. Conforme a demonstração gráfica apresentada, demonstrou-se que o percentual da inflação relativa a 2013, superou as de 2010 (5,92%) e 2011 (6,50%) e, ainda, com os mesmos dados contidos no gráfico, que a inflação de 2013 ultrapassou o limite da meta (6,5%) (Jornal GGN, 2014) .

***Análise:** O aspecto positivo, revelado, é o fato de que, em mais de uma década os índices de inflação situarem-se dentro da meta (6,5%). Por outro lado, os índices de inflação, nos três governos citados são bastante próximos, não sendo recomendável utilizá-los comparativamente. É preocupante notar que as fontes alternativas, em alguns casos, utilizam-se (devido à carência de dados próprios) de fontes oficiais, procurando rebater as críticas do chamado “mainstream” de caráter acentuadamente político. Podemos, ainda, classificar como caso emblemático de desinformação por parte dos grandes grupos de mídia, o ocorrido com a Globo News, utilizando-se de um artifício subliminar de convencimento em detrimento dos fatos reais.*

3.3 Taxa de câmbio

(DO. 1) – A taxa de cambio-fim do período (2013), R\$/US\$ foi cotada a R\$ 2,34 (Bacen, 2013) (Grifo nosso).

(DO. 2) – A taxa de cambio – fim do período 2012, R\$/US\$ foi cotada a 2,08%.(Bacen,2012 (grifo nosso).

(VP. 1) – “ **Dólar fecha 2013 com valorização de 15,37% frente ao real**”: “no último pregão do ano, o dólar subiu 0,77%,frente ao real encerrando em R\$ 2,3570, acumulando alta de 15,37% em 2013, a maior valorização desde 2008,quando a moeda americana subiu 31,34%, na crise financeira global”.Considerando-se o ano (2013),até o dia 20 de dezembro, o fluxo cambial apontava para um déficit de US\$ 11,216 bilhões, “caminhando para encerrar o ano em terreno negativo o que não acontecia desde 2002, quando encerrou o ano com saída líquida de US\$ 12,989

bilhões” (Valor Econômico,2013). **(VP. 2) – “Quais são as reservas cambiais verdadeiras do Brasil ?”**: as enormes reservas cambiais amealhadas pelo país chegam a US\$ 376 bilhões”, mais do que suficientes para “atravessar águas turbulentas”. Passa despercebido “que o Banco Central vem realizando *swaps* cambiais há meses, o que compromete a reserva futura”. As estimativas revelam um montante de US\$ 80,00 bilhões já comprometidos com o processo, e que eventualmente impactarão negativamente nossas reservas. “Não é possível viver de *swaps* para sempre, pois eles representam um compromisso de venda de dólar no futuro. Portanto, fazendo tal ajuste, as reservas reais estariam abaixo de US\$ 300 bilhões” (Veja, 2014). **(VP. 3) – “ Real é mais sensível a mudanças globais,diz estudo”**: o real é uma das moedas mais suscetíveis às oscilações do mercado financeiro global, de acordo com os resultados de um trabalho efetuado pelo INSPER. “O estudo conduzido pelo professor e pesquisador José Luiz Rossi Júnior, mostrou, por exemplo, que o real é a moeda mais afetada quando há alteração na política monetária dos EUA”. Visto por outro ângulo, constatou-se que: “a moeda brasileira também é mais afetada quando há alteração no humor dos investidores por apetite ao risco, e a segunda mais prejudicada nos casos de volatilidade nos mercados globais”. Segundo Rossi: “desde a recente crise financeira internacional, iniciada em 2008, fundamentos macroeconômicos, como inflação e crescimento se tornaram insuficientes para explicar a variação das moedas”. Compartilhando da mesma opinião: “o *Federal Reserve (Fed)*, o banco central dos Estados Unidos, também apontou o Brasil como um dos emergentes mais vulneráveis atualmente”. Indicações do seu ‘Índice de Vulnerabilidade’, “colocam o país na segunda posição de um total de 15 países”. (Veja, 2014).

Análise: *existe excesso de vocábulos denotando improvisação nas informações: “eventuais”, “estariam”, etc. sem o apoio de fontes oficiais, ou, ao menos, estabelecendo um contraponto. Por outro lado, mencionam-se indicadores (inflação e crescimento) de comportamento mais tímido, sem levar-se em conta a conjuntura macroeconômica que aponta indicadores com desempenho favorável (emprego e renda), demonstrando um cenário mais equilibrado. Em relação ao comércio externo, é fato que, a participação do Brasil frente ao total mundial é historicamente baixa, não havendo, no curto prazo, perspectiva de alterações significativas. Alie-se a esse panorama, até recentemente, a sobrevalorização do real e seus efeitos na balança comercial.*

(VA. 1) – “ O recuo da Presidente”: defendendo uma política mais agressiva,quanto a depreciação do real, Luiz Carlos Bresser Pereira em sua coluna na Folha de São Paulo, apresenta seu entendimento sobre o tema:

“A sociedade não entendeu que uma taxa de cambio equilibrada é condição para que o país cresça com força, (.....) porque o governo não realizou toda a desvalorização que era necessária? Essencialmente, porque não tinha apoio nem da sociedade nem entre economistas para realizá-la. Porque há um custo a ser pago no curto prazo com uma desvalorização que poucos estão hoje dispostos a pagar. (.....) O néo- liberalismo está hoje cantando vitória , mas que vitória? A vitória do câmbio apreciado e dos juros altos.Sem dúvida uma vitória de Pirro porque abre caminho para a crise do balanço de pagamentos “(BRESSER PEREIRA, 2013:A13).

(VA. 2) “ **As discussões sobre a taxa de câmbio**”: em texto escrito para a revista Carta Capital, Luiz Nassif analisa a questão cambial, sob o prisma da balança comercial:

“O governo precisa de espírito crítico e prático para encontrar o equilíbrio entre o que é bom para a importação e para a exportação. (.....) Quando se discute taxa de câmbio e manufaturados surge sempre o dilema clássico: câmbio desvalorizado melhora os preços dos produtos internos em comparação com os externos. Câmbio valorizado reduz os custos dos insumos e equipamentos importados.(.....) O dilema é esse: caso a importação resulte em custos menores de produção, baratearia o produto final, tornando-o mais competitivo no mercado externo. Perde-se competitividade no insumo ganha-se no produto final - que movimenta a cadeia produtiva. Essa melhora no valor agregado do produto final compensaria a perda com a substituição dos insumos internos por importados?”(NASSIF, 2013).

(VA. 3) – “ **Taxa de câmbio e desenvolvimento**”: em defesa de uma taxa de câmbio apreciada, Delfim Netto em artigo publicado em sua coluna no jornal Valor Econômico exemplifica, demonstrando o posicionamento de Surjit S. Bhalla que questiona a sobrevalorização cambial :

“A subvalorização do câmbio real pode ser benéfica ao crescimento” – com a qual eles *,mainstream*, tem muita dificuldade em conviver.(.....) Moeda relativamente desvalorizada ajuda a estimular o crescimento .(.....) O *‘mainstream’* vai ter muito trabalho para deixar de encarar a possibilidade teórica e a experiência histórica que sugerem que uma taxa de câmbio relativamente desvalorizada e estável foi um complemento importante no processo de desenvolvimento da maioria dos países , e que não há razão para supor que o caso brasileiro seja exceção (NETTO, 2013: A2)

Análise: *Sob o ponto de vista do impacto causado no público, as manchetes dos grandes veículos de comunicação, destacam negativamente as desvalorizações cambiais dando origem a interpretações errôneas, pois, nem sempre, dependendo da circunstâncias, as desvalorizações cambiais são nocivas à economia. O valor da taxa de câmbio deve ser analisado levando-se em conta as demais variáveis e seus indicadores, sob risco de sérias distorções analíticas. A interpretação dos textos apresentados revela que as análises de mídia alternativa, se prendem, predominantemente, a considerações de natureza técnica, ou seja, menos suscetível ao viés político, ainda que não totalmente.*

3.4 Taxa de Juros

(DO. 1): na reunião de abril de 2013, o Copom decidiu por unanimidade, elevar a taxa Selic em 0,25 p.p., para 10,75 a.a., sem viés. (.....) O Copom destaca que , em momentos como o atual a apolítica monetária deve se manter especialmente vigilante, de modo a minimizar riscos de que níveis elevados de inflação, como o observado nos últimos doze meses , persistam no horizonte relevante para a política monetária. Ao mesmo tempo, o Comitê, pondera que os efeitos das ações da política monetária sobre a inflação são cumulativos e se manifestam com defasagens. **Desde abril de 2013 (7,50 a.a.) a taxa Selic, foi elevada em 3,5 pontos percentuais, até atingir 10,75%.** (Banco Central do Brasil, 2014) (Grifo nosso).

(VP. 1) – “Seguro Necessário”: o jornal Folha de São Paulo manifesta, através de editorial, o ponto de vista da empresa sobre a política da taxa básica de juros:

“O Banco Central elevou a taxa básica de juros da economia mais que o previsto pela média dos economistas de instituições financeiras e consultorias. (.....) Acrescenta logo de início, porém, fator negativo à equação da economia para 2014, que já não era alentadora. Note-se que o aumento dos juros era inevitável, dada a alta da inflação. (.....) Outras notícias indicam que entraves de curto prazo ao crescimento se acumulam mal o ano se inicia. (.....) Os indicadores de confiança e de inflação, a taxa de câmbio e as taxas de juros de prazo mais longo tendem a se degradar tanto menos quanto mais cedo o governo anunciar uma meta clara e relevante de controle de gastos. (.....) Será imediatamente mais decisiva, no entanto, uma afirmação de que haverá mais ordem e comedimento nos gastos, (.....) está claro que tais providências são necessárias para banir a febre das expectativas negativas” (Folha de São Paulo, 2014:A2)

(VP. 2) – “Juro alto não derruba a inflação”: a partir do artigo presente de Yoshiaki Nakano impresso no jornal Valor Econômico, tem início na imprensa um embate com outro economista de um grande diário paulistano. Acompanhem o texto de Nakano :

“Alguns analistas estão perplexos porque a taxa de inflação tem ignorado solenemente a elevação da taxa de juros em 3,5 pontos percentuais e mesmo com expectativas de nova elevação. (.....) Segundo um inteligente articulista ‘há na praça algumas (teorias), que tentam explicar porque a alta dos juros não fez efeito até agora na inflação, e sobretudo nas expectativas’. (.....) ‘Um dos mais importantes canais de transmissão da política monetária-exatamente as expectativas está obstruído’. (.....) O canal de expectativas não está obstruído, ao contrário, o represamento de alguns preços pela atuação administrativa do governo, energia, gasolina, etc. é o que mantém as expectativas elevadas. Não há como a alta de juros neutralizar estas expectativas” (Nakano, 2014:A13) (Grifo nosso).

(VP. 3) – “Maldição dos Juros”: editorial crítico do Jornal Folha de São Paulo estabelecendo uma relação entre o aumento da taxa de juros e gastos públicos:

“O Brasil permanece na inglória posição de campeão dos juros altos. Com a presidente Dilma Roussef, não será diferente, com um agravante: parece ter cessado a tendência de redução gradual que vinha desde 2005, (.....) o governo não cumpriu sua parte. Impaciente com o ritmo da economia, errou no diagnóstico de que a letargia será superada com a expansão da demanda, sobretudo consumo e gastos públicos, (.....) insistiu em teses equivocadas: a inflação seria problema pontual, não havia exagero com gastos públicos e as críticas partiam de rentistas aninhados na oposição” (Folha de São Paulo, 2014:A2).

(VP. 4) – “Derruba sim”: o embate, acima mencionado foi travado entre os economista Yoshiaki Nakano e Alexandre Schwartzman que em resposta, emitiu pontos de vista frontalmente contrários a Nakano :

“O artigo de Yoshiaki Nakano ‘Juro alto não derruba a inflação’, Valor Econômico, 18/03/2014, se revela uma contribuição inestimável, (.....) porque é difícil conceber

uma coluna que cometa tantos equívocos em tão pouco espaço.(.....) A principal atrocidade é sua afirmação sobre a ineficácia da política monetária. Segundo Nakano, a causa da desinflação observada entre 2004 e 2006 teria sido apenas a apreciação cambial. (.....) Caso seguisse a sugestão de Nakano, a política monetária teria que ser mais apertada do que foi.(.....) Chega a ser surpreendente que num debate importante como o que hoje se trava, haja intervenções que se revelam primárias no entendimento tanto da teoria como dos fatos que circundam a operação do regime de metas no país.” (Schwartzman 2014: B10).

Análise: *É inquietante a insistência crítica quanto aos gastos governamentais, “geradores de expectativas negativas”, em detrimento do fortalecimento das políticas sociais. Afinal, o que incomoda tanto? Os juros elevados, ou a parcela considerável dos gastos destinados a uma melhor distribuição da renda no país? A divergência dos especialistas (ambos, pertencentes ao “maisntream”), mas, com visões acentuadamente antagônicas, demonstra a incerteza, dos críticos, quanto à melhor política monetária a ser utilizada no combate à inflação. O acalorado debate, protagonizado pelos colonistas no que se refere à política de juros e as expectativas daí advindas, dá espaço à indagação: qual seria a correlação entre taxa de juros e expectativas médio-analíticas no âmbito de embates desse gênero? O que, na realidade, seriam os verdadeiros propósitos quanto ao percentual da taxa de juros? Sociais, certamente, não o são.*

(VA. 1) – “ Copom : efeitos da alta de juros demoram para aparecer “ : os efeitos do aumento da taxa básica de juros a Selic , se acumulam e levam tempo para aparecer , de acordo com a avaliação do Comitê de Política Monetária do Banco Central (BC) (.....) assim, o Copom considera que em momentos como o atual deve se manter: “especialmente vigilante, de modo a minimizar riscos elevados de inflação, como o observado nos últimos 12 meses e persistam no horizonte relevante para a política monetária”. Ao mesmo tempo, o Comitê pondera: “os efeitos das ações de política monetária sobre a inflação são cumulativos e se manifestarão com defasagens” (Jornal GGN, 2014). **(VA. 2) – “A conspiração em marcha na grande mídia, pela elevação dos juros básicos”:** de acordo com José Carlos Assis, mesmo considerando-se a inflação em alta, foi notória a campanha, e o posterior júbilo, pela majoração das taxas de juros, revelando que o desejo por níveis menos elevados não passava de retórica diversionista. (Jornal GGN 2013).

Análise: *Curiosamente, apesar de vieses diversos, em um texto da versão preponderante (VP) e outro, da mídia alternativa (VA), há concordância sobre a não relação entre taxa de juros e inflação. As afinidades, porém, restringem-se aos dois textos mencionados (Nakano e Assis), porque, em geral, a grande mídia no afã de desvalorizar as políticas implementadas, claramente, assume uma posição crítica e contraditória, em relação à questão - tanto quanto às medidas que resultam na caída da taxa de juros, como em sua elevação.*

3.5. Emprego e Renda

(DO) – “Taxa de desocupação e rendimento em queda”: de acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Emprego, apurada em dezembro de 2013, o número de pessoas com 10 anos ou mais de idade, (consideradas em idade ativa), para o conjunto das seis regiões metropolitanas onde a pesquisa é investigada, foi estimado, em 43,1 milhões. Essa estimativa não registrou variação

frente ao mês anterior. Em relação a dezembro de 2012, esse contingente aumentou 1,2% .(.....) A taxa de desocupação em dezembro de 2013,foi estimada em 4,3% para o conjunto das seis regiões metropolitanas investigadas. Frente a novembro (4,6%) a taxa apresentou redução de 0,3 ponto percentual. No confronto com dezembro de 2012 (4,6%), esse indicador não apresentou variação estatisticamente significativa. A taxa de desocupação atingiu o menor valor da série histórica da pesquisa que foi iniciada em março de 2002. (.....) No ano de 2013, a taxa média de desemprego média apurada pelo IBGE nas seis principais regiões metropolitanas do país, ficou em 5,4%. Essa foi a menor taxa média anual desde o início da série histórica da taxa de desemprego em 2003. Em fevereiro de 2014 a taxa situou-se em 5,1%. O rendimento médio anual real dos trabalhadores foi estimado para o conjunto das seis regiões metropolitanas, no mês de dezembro de 2013, em R\$ 1.966,90. Esse resultado foi 0, 7% menor que o apurado em novembro de 2013 (R\$ 1.981,08) e 3,2% acima do verificado do em dezembro de 2012 (R\$ 1.950,68) (IBGE, 2014).

(VP. 1) – “Renda, de volta a 1964” Maria Claro Prado em artigo divulgado no periódico Valor Econômico, efetuou interessante comparação do índice de Gini atual, com o do ano de 1964, demonstrando que nos dois períodos os índices atingiam o mesmo nível, porém, o atual foi alcançado somente nos últimos vinte anos. De acordo com seu texto entende-se a dinâmica:

“A distribuição de renda, medida pelo índice de Gini, voltou praticamente ao que era em 1960. O último índice apurado pelo Ipea – que tem sido usado pelo governo como referencia- é de 2012, apontando para um nível de 0,530 de desigualdade,algo mais próximo de uma sociedade minimamente mais equilibrada, resultado de muito suor no combate à inflação, de políticas distributivas de renda e de um pujante mercado de trabalho.Todo esforço ocorrido,nos últimos vinte anos,desde o Plano Real,conseguiu recolocar o índice de Gini no mesmo patamar de 0,530 em 1960, contabilizado segundo as pesquisas desenvolvidas na época, tomando por base os censos de 1960 e 1970” (PRADO,2014:A13).

(VP. 2) – “ Taxa média de desemprego em 2013 é a menor da história.”: mantendo a tendência decrescente, a taxa de desemprego de 2013,referente às seis maiores regiões metropolitanas,mostrou equivalência com a de 2012.Houve,também, um aumento da renda do trabalhador porém, com uma redução não vista desde 2005.De acordo com a “ Pesquisa Mensal de Emprego (PME), divulgada hoje pelo IBGE (12/01/2014), a taxa média de desocupação foi de 5,4%,(.....) a menor da série anual iniciada em 2003”. Quanto aos ganhos, provenientes do trabalho, apurou-se: “o ritmo de crescimento do rendimento médio real do trabalhador em 2013, foi o mais baixo desde 2005, apontou a pesquisa”. Aduzindo: “em 2013, o ganho médio real subiu 1,8% em relação a 2012,quando havia aumentado 4,1%” (Valor Econômico,2014) (Grifo nosso). **(VP. 3)– “Desemprego recua mais em 2013 e média do ano fecha em 7,1%”:** nova pesquisa elaborada pelo IBGE abrangendo 3500 municípios, revela um quadro mais real do desemprego no país. “Taxa permanece baixa a despeito do fraco crescimento; levantamento aponta maior formalização”. No detalhamento da pesquisa observa-se: “o fraco crescimento econômico por dois anos seguidos não foi suficiente para elevar a taxa de desemprego no país - que em 2013, caiu para 7,1%.Em 2012, a taxa havia sido um pouco mais alta: 7,4%.” Trata-se do novo levantamento: “Pnad Contínua (Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios), a primeira pesquisa nacional sobre mercado de trabalho do IBGE, e contrasta com o baixo crescimento do PIB em 2012 (1%) e 2013 (2,3%)”. Em termos comparativos conclui-se: “como esperado por analistas, o desempenho na nova pesquisa

ficou acima do medido pelo PME (Pesquisa Mensal de Emprego), cuja taxa em 2013, foi de 5,4%” (Folha de São Paulo, 2014).

Análise: Através da interpretação dos textos, constatam-se, certas identidades com os dados oficiais. Diante do fato irrefutável do bom desempenho dos níveis de emprego e renda, acumulam-se alusões negativas para “o fraco crescimento econômico” e do rendimento médio real (2013), “o menor desde 2005”. Menor, pode-se refutar, mas positivo no ano, como também nos anos anteriores. Em contraposição, um ponto positivo, destacado é o posicionamento favorável quanto às políticas adotadas (emprego e renda), desde o Plano Real, nos últimos vinte anos. A ênfase dada ao Plano Real era esperada, porém, os benefícios nos últimos 11 anos na área trabalhista, claramente, são bem mais significativos, e não mereceram destaque à parte, apenas no geral.

(VA. 1) – “ O índice de desemprego da folha ou a arte de engarrifar fumaça” : a manipulação de dados e a arte de mentir contando só a verdade é a preocupação de Sergio Saraiva ao analisar, criticamente, matéria jornalística da Folha de São Paulo que, do ponto de vista do autor, tentou confundir os seus leitores distorcendo informações. Vejamos :

“Manchete da Folha de São Paulo de 18 de janeiro de 2014: ‘ 61 milhões estão fora da força de trabalho’.(.....) Um contingente de 61,3 milhões de brasileiros de 14 anos ou mais não trabalham nem procuram ocupação e, portanto, não entram nas estatísticas de desemprego’. Parece um número absurdo, e o é, poderia sugerir que nada menos do que 38,5% da população economicamente ativa no Brasil (159,1 milhões de pessoas) está desempregada. (.....) Se levarmos em consideração que a nova pesquisa do IBGE, a Pnad Contínua (Pesquisa de Amostra de Domicílios), com 3500 municípios pesquisados aponta para um desemprego de 7,4 %, ou seja, 11,8 milhões de pessoas, e a pesquisa (.....) PME (Pesquisa Mensal de Emprego), (.....) aponta para um desemprego da ordem de 5,9% ou 9,4 milhões de desempregados no país, usando os números da Folha e de seus infográficos temos, segundo o texto : ‘Esse número supera o quádruplo dos 7,3 milhões de brasileiros oficialmente tidos como desempregados nas tabelas do IBGE - o que dá uma idéia de quanto o desemprego poderia crescer se mais pessoas decidissem ingressar no mercado de trabalho.’ Estariam os números oficiais errados? O governo estaria falseando informações para mostrar um quadro róseo, quando na verdade a situação do emprego no Brasil é sombria? Não, a manchete é apenas fumaça. O Brasil continua em pleno emprego ou bem perto dele. Basta continuar o texto da Folha para começarmos a ver a manchete desmentida. Analisemos esse parágrafo:’ mesmo tirando da conta os menores de 18 anos e os maiores de 60, são 29,8 milhões de pessoas’.(.....) Mas como assim? O número de desempregados cai repentinamente de 61,3 milhões para 29,8 milhões? Uma redução de 50%? É que o jornalista, na sua contagem inicial, considerou a garotada que ainda está na escola e as pessoas que já se aposentaram. Ainda a Folha: ‘O mercado de trabalho mostra sinais de precariedade’, mesmo assim, 29,8 milhões de pessoas é um número díspar em relação aos 11,8 milhões oficiais (**apresentados**) pelo Pnad. Seria, caso não houvesse um outro ‘pequeno detalhe’(.....) no texto da Folha: ‘ os dados sugerem que grande parte dos que estão fora da força de trabalho é (**composta**) por donas de casa: 40,9 milhões são mulheres’. Esse detalhe é muito importante, porque a Pnad Contínua, agora, considera também as áreas rurais, onde o trabalho da mulher é, ainda, em muito, o trabalho doméstico. (.....) Mas, então , se descontarmos dos

números da Folha as senhoras que ainda ‘são donas de casa’, ou seja, cuidam do lar e não trabalham fora, restaria um número de desempregados maior do que é oficialmente informado? (.....) A Folha não nos diz”. (SARAIVA, 2014) (Grifos nossos).

(VA. 2) –“A campanha da moda”: o colunista da Folha de São Paulo, Jânio de Freitas expõe as contradições presentes nos meios de comunicação, quando segundo o autor, divulgam-se manchetes negativas da economia brasileira e inversamente, manchetes positivas para países desenvolvidos sendo que, de acordo com ele, os fatos contradizem esses cenários. No entender do colunista:

“Todo o falatório em torno do PIB de 1% ou de 2%, nada significa diante da taxa de desemprego de apenas 4,65%, menor que o da admirada Alemanha. Em referência ao (mês de) novembro (últimos dados disponíveis a respeito), vimos as manchetes consagradas: ‘EUA têm o menor desemprego em 5 anos: cai de 7,3% para 7%’. O índice brasileiro, o menor já registrado aqui, excelência no mundo, não mereceu manchetes, ficou só em uns títulos e textos mixurucas. Mas, para o *mainstream* o índice não pode ser positivo: ‘O índice caiu porque mais pessoas deixaram de procurar emprego’. Se mais desempregados conseguiram emprego, como provava o índice antes rondando entre 5,6% e 5,2%, restariam, forçosamente, menos ou mais desempregados procurando emprego? PIB horrível, falta de ajuste fiscal, baixa taxa de investimentos, poucas privatizações, coitado do país. E, no entanto, além do emprego, aumento da média salarial, a ponto de criar este retrato do empresariado de São Paulo: a média salarial no Rio ultrapassou a dos paulistas” (FREITAS, 2014:A10) (Grifos nossos).

(VA. 3) –“Os números recordes de desemprego e o novo perfil do trabalho”: conforme colocações de Luiz Nassif as baixas taxas de desemprego vinculam-se organicamente com as melhores condições socioeconômicas da população. Com um padrão de vida mais desenvolvido, os indivíduos preparam-se, cada vez mais solidamente para a atividade profissional futura. Sigamos o articulista:

“Há um fator pouco analisado nas quedas das taxas de desemprego: o que é erroneamente denominado de taxa de ociosidade, isto é, aquelas pessoas em idade ativa que não decidiram ainda trabalhar, (.....) esse fenômeno é fruto das políticas sociais dos últimos anos, especialmente do salário mínimo. Estudos do IBGE de anos atrás, demonstram que em mais de 50% dos casos, aposentados e pensionistas eram arrimo de família. Antes dessa renda adicional, os jovens saíam muito cedo para o mercado de trabalho. (.....) Com a melhoria de renda, passaram a dedicar mais tempo aos estudos, Houve impacto positivo na educação, na saúde (melhor alimentados), na segurança (menos vulneráveis aos crimes). Sem esse exército industrial de reserva, aumentou o valor do salário de entrada no mercado, impactando toda a cadeia salarial. Quando foi divulgado o primeiro trabalho sobre o tema, houve certo reboiço no mercado, devido à comprovação da eficácia das políticas sociais”. (NASSIF, 2013).

Análise: *As informações, distorcidas por manchetes enganosas, são o exemplo vivo do padrão de jornalismo utilizado como instrumento indutor de expectativas. Identifica-se no texto (Freitas), exemplo emblemático de luta ideológica (desigual), no interior de um veículo de informação*

“mainstream”. O sucesso das variáveis macroeconômicas (emprego e renda), de acordo com os artigos analisados, mantém sintonia com o modelo de desenvolvimento social, caminham juntos, mas isso, incomoda em demasia os grandes veículos de comunicação, que tentam de todas as formas relativizar o êxito dos programas implementados, quando não, desacreditá-los.

4. Considerações finais

As versões preponderante (*mainstream*) e alternativa disputam, sistematicamente, espaço no interior dos mesmos veículos de comunicação. Considerando-se a teoria gramsciana, que trata dos aparelhos de hegemonia, nada a se estranhar, pois os debates ideológicos ali travados abrem espaço para a pluralidade de opiniões. O entrave para a neutralidade dos meios de comunicação se dá quando o discurso é homogêneo, isto é, há desequilíbrio e desproporcionalidade na quantidade e qualidade das informações e das análises, em proveito da versão preponderante.

O escopo deste artigo foi demonstrar, mediante o embate ideológico entre as duas versões presentes nas diversas plataformas de mídia, o domínio absoluto, quase único, de uma delas (versão preponderante-VP), em termos de espaço e tempo dedicados à difusão das informações econômicas. Os acontecimentos de natureza econômica são apresentados, tanto na mídia impressa como eletrônica, por tempos assimétricos, conforme o seu teor, e a visão ideológica dos veículos de informação. A versão preponderante, habitualmente atinge quase a unanimidade, basta verificarmos, por exemplo, que os portais da mídia impressa, são na realidade, uma extensão da mesma- apesar dessa ordem estar, progressivamente, se invertendo - e das demais mídias eletrônicas. Assim é que, quando consultados através da *internet* e/ou veiculados pelos demais meios eletrônicos (rádio, televisão, etc.), refletem a opinião da grande mídia impressa e seus portais.

Não há reparo algum a ser feito quanto à posição ideológica dos veículos de informação, contanto que sejam assumidas, de modo que deixem de lado os subterfúgios e dissimulações, resultando em uma mensagem objetiva quanto aos propósitos dos pontos de vista defendidos pela grande mídia. Vejamos a interpretação de Clovis de Barros sobre a questão:

“É preciso ser honesto quanto às posições ideológicas dos donos dos meios de comunicação e de seus jornalistas. Deixar claro os interesses políticos de quem escreve ajuda o leitor a ter cautela. (.....) O componente ideológico nos meios de comunicação sempre existiu,(.....) o problema aqui é de outra natureza. Estamos falando de honestidade, de deixar claro o ponto de vista de quem comunica” (BARROS, 2013).

Um artifício usual das mídias eletrônicas e impressas é a utilização da “chamada de primeira página” e suas “letras garrafais”. Parcelas significativas de “leitores” formam opiniões, criam expectativas e tomam decisões (econômicas ou não), baseados apenas nas principais manchetes, que são apresentadas portando mensagens ideológicas e subliminares; assim também ocorre com as *charges* de teor econômico-político, pois não é muito recomendável substimar-se o poder de senso de humor com relação ao ativismo político.¹

¹ Observando-se atentamente o tempo de exposição de notícias, nos portais dos grandes meios de comunicação, que desagradam ao *mainstream*, constata-se a brevidade das manchetes. Mesmo que elas apareçam em segundo plano-o que é, usual.

Comungando do mesmo pensamento, Jânio de Freitas cita a coluna de Vinicius Torres Freire escrita na Folha, dia 24 último (24/04/2014), observando que uma pesquisa efetuada pelo Datafolha demonstra níveis de insegurança econômica não alcançados desde o último governo de FHC; mas a realidade é que a economia está, hoje, em condições bem mais favoráveis. Segundo Jânio: o que provoca esse aparente paradoxo? “Não pode ser a percepção espontânea e geral”, porque os fatos a impossibilitariam. Jânio conclui: “O que poderia ser, senão os meios de comunicação desejosos de determinado efeito. Se, apesar da situação melhor, o sentimento é pior, claro que se trata de sentimento induzido, um contrabando ideológico” (FREITAS, 2014: A10) (Grifo nosso). Essas práticas conduzem a uma reflexão: qual seria o percentual de “leitores” que condicionam seu comportamento econômico- incluindo-se aí, as expectativas- mediante a observação das “primeiras páginas”? Qual seria o impacto econômico desse “conhecimento” superficial? Um estudo, nesse sentido, seria de grande valia para sua mensuração.

Por falar em frequência é notável a presença nos meios de comunicação, da informação de cunho econômico, que cresce exponencialmente, atraindo sempre um número maior de “leitores-economistas”. Pois bem, é fato que paralelamente ao “súbito” despertar do interesse por temas de natureza econômica, avolumam-se críticas aos economistas profissionais pertencentes, principalmente, à versão alternativa (VA), críticas essas, meticulosamente realizadas por pretensos “economistas” abrigados na grande mídia.

A pluralidade de opiniões passa pelo fortalecimento da ciência econômica – nos seus diversos matizes ideológicos - com a presença de economistas em todos os setores da sociedade (organizações públicas, privadas e, inclusive, na divulgação e análise de temas econômicos nos meios de comunicação). Na busca por dados fidedignos, amparando, sem distorções, as informações econômicas veiculadas cabe, ainda, a indagação: se a informação econômica se faz mais presente, por que não a categoria profissional do economista?

Cumprir destacar que a execução do trabalho prendeu-se ao momento econômico, e não teve a pretensão de julgar o comportamento das variáveis macroeconômicas através de posicionamentos ideológicos pessoais, e sim, demonstrar o viés político-ideológico dos setores de mídia divergentes; assim, o panorama econômico pode alterar-se para pior ou melhor- as expectativas mídio-analíticas serão fundamentais para a fixação do cenário futuro- mas o direcionamento ideológico da mídia, não se altera, a não ser : 1- alternância de governo, comungando da mesma ideologia. 2- O governo modifique sua política econômica ao sabor dos interesses midiáticos, ou, 3- Ou, no sentido gramsciano, haja a conquista hegemonia- ideológica dos grandes meios de comunicação de massa. As referências a colunistas, editorialistas, repórteres, colaboradores, enfim aos jornalistas em geral, são impessoais. O trabalho pautou-se para o embate presente no aparelho de hegemonia da mídia, e não para denegrir quaisquer posicionamentos ideológicos.

Quanto à elaboração do texto, esclarecemos que as matérias, de natureza jornalística, não foram selecionadas aleatoriamente, e sim, devido às suas qualidades emblemáticas- ideológicas; encontramos, todavia, dificuldades para localizar matérias positivas (em relação ao comportamento das variáveis econômicas e seus indicadores), mais imparciais, quanto ao cenário econômico brasileiro atual, divulgadas na grande mídia.

Concluindo, destacamos que equilibrar as informações econômicas, de modo a atenuar seu viés ideológico, contribuindo para não deformarem-se as expectativas, não é tarefa fácil, muito menos exequível, em espaço de tempo razoável. As dificuldades, sejam elas, de ordem econômico-

financeira, política, institucional ou jurídica e principalmente, operacional-funcional, estarão sempre presentes exigindo perseverança e firmeza para alcançar-se os objetivos. Os meios de comunicação estão reunidos em grandes conglomerados, centralizando interesses de setores da sociedade que, reunidos, representam parcela majoritária do PIB nacional, assim como, defendem e participam (economicamente e ideologicamente) dos propósitos dos grandes grupos transnacionais, aqui presentes. Todavia, temos que tentar, pois quando há complexidade, lembremos-nos da citação de Gramsci “O pessimismo da inteligência e o otimismo da vontade” (Gramsci, 1929:142)².

5. Referências

ASSIS José Carlos. **A conspiração em marcha na grande mídia, pela elevação dos juros básicos**. Jornal GGN, 08/04/2013. Capturado no site: <<http://www.jorlalggn.com.br>> em 22/02/2014.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório Focus** de mercado/expectativas de mercado: mediana agregada, 27/12/2013. Capturado no site <<http://www.bcb.gov.br>>em 08/01/2014.

_____ - **Relatório Focus** de mercado/Expectativas de Mercado: mediana agregada,28/12/2012. Capturado no site< <http://www.bcb.gov.br>> em 08/01/2014.

_____ - **Comitê de Política Monetária (Copom)**, 181º reunião, 25 e 26/02/2014. Capturado no site:<<http://www.bcb.gov.br>>em 04/03/2014.

BARROS, Clovis de. **Tribuna do advogado**. Entrevista concedida a Marcelo Coelho e Patrícia Nolasco, em novembro de 2013. Capturado no site: <<http://www.oabrij.org.br.tribunadoadvogado>> em16/04/2014.

BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **O recuo da Presidente**. Folha de São Paulo, 30/12/2013, página A13.

BEGG, D.K.G. **The Rational expectations, revolution in: macroeconomics theories and evidence**. Baltimore, John Hopkins University Press, 1989.

CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2007.

CARTA CAPITAL. **Serviços puxaram aumento de 2,3% da economia brasileira em 2013**. Por Agência Brasil, publicado no site em 27/02/2014. Capturado no site: <<http://www.carta capital.com.br>> em 04/03/2014.

ESTADÃO PORTAL- **Brasil tem o 3º maior crescimento econômico do mundo em 2013**. Postado no site por Gustavo Ferreira Santos, 27/02/2014. Capturado no site: <http://www.estadao.com.br/radareconomico>>em 03/04/2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Combinação ruim**. Editorial, 28/02/2014, pagina A2.

²A expressão utilizada por Gramsci é de autoria do escritor francês Romain Rolland. Ver: Gramsci (1929).

- _____ - **Economia brasileira cresce 2,3% em 2013**. 28/02/2014, páginas B6 e B11.
- _____ - **Maldição dos Juros**. Editorial, 17/01/2014, página A2.
- _____ - **Seguro necessário**. Editorial, 20/01/2014, página A2.
- _____ - **Desemprego recua mais em 2013 e média do ano fecha em 7,1%**. Reportagem (dados do IBGE) efetuada por Pedro Soares 11/04/2014, página B7.
- FREITAS, Jânio. **A campanha da moda**. Folha de São Paulo, 05/01/2014, página A10.
- _____ - **Pior, mas melhor**. Folha de São Paulo, 29/04/2014, página A10.
- GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del Cárcere**. Ed. Valentino Gerratana, Torino, Einaudi, 1975, 4v. página 1448.
- _____ - **Carta a Carlo Gramsci** de 19/12/1929. In: *Cartas do cárcere*, página 142.
- IBGE. **Sala de Imprensa**. “Economia brasileira cresce 2,3% em 2013”. 27/02/2014. Capturado no site: <<http://saladeimprensaibge.gov.br>> em 22/03/2014.
- _____ - **Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo-IPCA**. Dezembro 2013. Capturado no site: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores>> em 18/04/2014.
- _____ - **Taxa de desocupação e rendimento em queda. Pesquisa Mensal de Emprego (PME)**. Estimativas para o mês de dezembro de 2013 e fevereiro de 2014. Capturado no site: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores>> em 19/02/2014.
- IBOPE/ SECOM. Instituto Brasileiro de Opinião Pública/Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República-Secom, **Pesquisa Brasileira de Mídia 2013**, fevereiro de 2014.
- JORNAL GGN. **Inflação sob Dilma pode fechar com resultado próximo de Lula e melhor que FHC**. Da Rede Brasil Atual, 11/01/2014. Capturado no site: <<http://www.jornalggn.com.br>> em 22/02/14.
- _____ - **Sobre o erro da Globo News no gráfico da inflação**. Postado por Francisco de Assis, 14/01/2014. Capturado do site: <<http://www.jornalggn.com.br>> em 10/04/2014.
- _____ - **Copom : efeitos da alta de juros demoram para aparecer**. Da Agência Brasil Atual, 06/03/2014. Capturado no site: <<http://www.jornalggn.com.br>> em 08/03/2014.
- _____ - **FIPE indica redução no ritmo de inflação em 2013**. Postado por Marli Moreira, 06/02/2014. Capturado no site: <<http://jornalggn.com.br>> em 23/02/2014.

_____ - **A conspiração em marcha na grande mídia, pela elevação dos juros básicos.** Postado por José Carlos Assis, 08/04/2013, 20/12/2013. Capturado no site: <<http://jornalggn.com.br>> em 08/01/2014.

_____ - **Ex diretor do IPEA afirma que debate sobre inflação é mais político que técnico.** Postado por Vitor Nuzzi. Da Rede Brasil Atual, 12/01/2014. Capturado no site: <<http://www.jornalggn.com.br>> em 13/01/2014.

KANDIR, Antonio. **A dinâmica da inflação.** São Paulo, Ed.Nobel, 1990.

LANDIM, Raquel. **Termômetro Quebrado.** Folha de São Paulo, 15/01/2014, página A2.

MIGLIORI N, João. **Plano real, hegemonia e ideologia: a âncora mídia.** Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica-PUC-SP, São Paulo, 1997.

NASSIF, Luis. **As discussões sobre a taxa de câmbio.** Carta Capital, 04/02/2013. Capturado no site: <<http://www.cartacapital.com.br>> em 06/02/2013._

_____ - **Os números recordes de desemprego e o novo perfil do trabalho.** Jornal GGN, 20/12/2014. Capturado do site <<http://www.jornalggn.com.br>> em 05/02/2014.

NAKANO, Yoshiaki. **Juro alto não derruba a inflação.** Valor Econômico, 8/03/2014, página A13.

NETTO, Delfim. **Taxa de câmbio e desenvolvimento.** Valor Econômico, 29/01/2013, página A3.

PRADO, Maria Claro R, M. **Renda, de volta a 1964.** Valor Econômico, 20/02/2014, página A13.

REDE BRASIL ATUAL. **Mídia avalia PIB de 2013 pela ótica de sua própria crise.** Postado por Helena Sthefano Witz, 07/03/2014. Capturado no site: <<http://www.redebrasilatual>> em 10/03/2014.

ROBINSON, Joan. **Filosofia econômica.** Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1964.

SARAIVA, Sergio. **O índice de desemprego da folha ou a arte de engarrafar fumaça.** 18/01/2014. Capturado no site: <<http://jornalggn.com.br>> em 10/03/2014.

SCHWARTSMAN, Alexandre. **Derruba sim.** Folha de São Paulo, 02/04/2014, página B10.

SHEFFRIN, Steven M. **Rational expectations.** Cambridge University Press, 1996.

UOL, Universo on-line. **Resultado positivo deve estancar revisões para baixo do PIB de 2014,** 27/02/2014. Capturado no site: <<http://www1.folha.uol.com.br>> em 14/03/2014.

VALOR ECONÔMICO. **Taxa de poupança de 13,9% é a menor desde 2001,** 1,2,3 e 4 de março de 2014, página A2.

_____ - **IPCA termina 2013 com alta de 5,91%**, 10/01/2014. Capturado do site: <<http://www.valor.com.br>> em 08/03/2014.

_____ - **Desemprego recua mais em 2013 e média do ano fecha em 7,1%**. Postado por Diogo Martins, 30/01/2014. Capturado do site: <<http://www.valor.com.br>> em 26/03/2014.

_____ - **Investimento no 4º trimestre vira mistério para economistas**. Material compilado por: Arícia Martins; Rodrigo Pedroso; Tainara Machado, 1,2,3 e 4 de março de 2014, página A3.

_____ - **Taxa média de desemprego em 2013 é a menor da história**. Reportagem efetuada por Diogo Martins, 13/01/2014. Capturado no site: <<http://www.valor.com.br>> em 26/03/2014.

_____ - **Dólar fecha 2013 com valorização de 15,37% frente ao real**. Texto postado por Silvia Rosa, 30/12/13. Capturado no site: <<http://www.valor.economico.com.br/financas>> em 06/01/2014.

_____ - **Aumento do PIB surpreende, mas confiança ainda é baixa**, 1,2,3 e 4 de março de 2014, página A3.

VEJA. Quais são as reservas cambiais verdadeiras do BRASIL? Postado no site por Rodrigo Constantino, 07/02/2014. Capturado no site: <<http://www.veja.com.br>> em 19/03/2014.

_____ - **Real é mais sensível a mudanças globais, diz estudo**. Portal Estadão, 04/03/2014. Capturado no site: <<http://www.veja.com.br>> em 08/04/2014.